

Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil

MARCELO BRAZ (ORG.)

São Paulo: Expressão Popular, 2013, 248p.

*Marcos Botelho**

Samba, cultura e sociedade, organizado por Marcelo Braz, trata de temas ainda pouco explorados pela crítica marxista brasileira. Numa abordagem criativa, condensa, sob diferentes perspectivas, análises marxistas da “questão social” e da “questão cultural” presentes no surgimento e no processo de criação do samba carioca.

Marcelo Braz estrutura o livro permitindo ao leitor trilhar etapas necessárias à compreensão de conjunto do fenômeno estudado – através de uma sequência metodológica e histórica. Ele assina quatro textos que têm papel preponderante na articulação necessária à exposição da tese central por ele mesmo formulada. Influenciado pelas análises de Carlos Nelson Coutinho e José Ramos Tinhorão, o livro – e a tese (presente no texto “O samba entre a ‘questão social’ e a questão cultural no Brasil”) – apresenta dois eixos. O primeiro deles trata o samba como produto cultural histórica e socialmente determinado. Na seguinte passagem, este eixo pode ser aclarado: “Como produto histórico de uma determinada formação social, num período histórico também determinado e a partir de estratos de classe específicos, talvez seja possível sustentar que o samba exprime uma síntese dialética entre dois fenômenos que mantêm relações de complementariedade e de determinação recíproca: a ‘questão social’ e a questão cultural” (p.78). Esta

* Professor da Escola de Serviço Social da UFRJ. E-mail: marcospobotelho@gmail.com

afirmação pode ser sintetizada nas palavras de Tinhorão, recolhidas por Braz, em outro momento do livro: “O samba é, portanto, produto do proletariado carioca com predominância negra, dentro de um quadro social em que a segregação era econômica, e não racial” (p.156).

O segundo eixo do livro concebe as “obras” (expressões artístico-culturais) do samba como expressões da questão cultural e “questão social” no Brasil. Recordamos, mais uma vez, à síntese de Braz que apresenta o samba como expressão que, ora apresentando-se como repúdio e contestação classista à ordem, ora como conformismo e resignação, ora produção “meramente agradável”, por vezes arte plena, nacional-popular, universal-concreta, é marcada, inevitavelmente, pela “questão social” e pela “questão cultural” brasileira: “A despeito das fronteiras e dos limites estruturais demarcados pela chamada questão cultural no país, as contradições de classe que marcam a ‘questão social’ no Brasil, especialmente entre as camadas mais baixas da classe trabalhadora em formação no país na entrada do século XX, tiveram no samba uma intensa e significativa forma de expressão sociocultural dos interesses sociais dos ‘de baixo’” (p.80).

O livro estrutura-se em três partes. A primeira, composta de artigos de José Paulo Netto, Carlos Nelson Coutinho e Marcelo Braz, apresenta, respectivamente, os elementos teóricos centrais necessários à compreensão da “questão social” e da “questão cultural” na realidade brasileira e da peculiaridade da criação artística. Esses textos têm em comum uma densa fundamentação marxista na análise destes elementos, destacando-se a influência de Marx, Engels, Lukács e Gramsci. O artigo de Netto é de uma nova versão, ampliada e modificada, de seu conhecido texto “Cinco notas à propósito da ‘questão social’”. Diante da “imprecisão” (ou “precisão” conservadora) no uso da expressão “questão social”, Netto se propôs a indicar os limites e os necessários pressupostos para uma análise crítica da chamada “questão social”. O segundo texto, ensaio que Coutinho publicou pela primeira vez em 1979, é uma análise crítica da cultura e da formação social brasileira. Destaca-se no texto de Coutinho o pioneirismo na articulação de conceitos como “via prussiana” (Lenin) e “revolução passiva” (Gramsci) para pensar a revolução burguesa no Brasil e seu impacto na cultura. Já Braz oferece uma introdução categorial que desvela a peculiaridade da obra artística, assim como a distinção entre o “meramente agradável” e a “grande arte”, com fundamentação na *Estética* de Lukács.

A segunda parte do livro é composta de dois artigos de Braz – o que abre e o que encerra a seção –, um de Augusto Lima e outro de Víctor Neves. Esse é o núcleo para a compreensão do surgimento do samba carioca, expressão cultural analisada como produto histórico-social particular, de uma conjuntura de transformações sociais e econômicas na capital brasileira de então. Abrindo esta parte, temos o artigo central do livro. Braz constrói uma solução heurística para a compreensão do samba ao remeter à “questão cultural” e à “questão social” como base teórica (ontológica) para pensar o seu surgimento e suas expressões. É o texto que articula

o conjunto do livro. O texto de Lima cumpre o papel de descrever as condições sociais e culturais do negro na transição ao século XX. A questão étnico-racial é fator determinante para a análise do samba e o autor busca comprová-lo ao demonstrar o peso quantitativo dos negros na população brasileira, a influência das danças, ritmos, religião e diferentes tradições culturais de origem africana (e afro-brasileiras) como realidade social e cultural que precede e é pressuposto indispensável à criação do samba.

Víctor Neves, que anuncia ter elaborado um roteiro de estudos, constrói seu texto em dois eixos: traça categorias teóricas para a compreensão da formação social brasileira, valendo-se de Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes, e percorre os fundamentos culturais e musicais do conjunto de expressões da música e da dança que desembocariam no samba, contando com a referência das obras de Nei Lopes e Carlos Sandroni. Marcelo Braz fecha o capítulo remetendo à importante contribuição de José Ramos Tinhorão para a pesquisa do samba e da cultura brasileira. Destaquemos apenas três dos motivos que Braz apresenta: o rigor e coerência metodológica de Tinhorão, a presença marcante da “questão cultural” e da “questão social” na sua análise do samba presente e a perspectiva classista que persiste em sua obra. É o que, segundo Braz, explica o “exílio” do autor em tempos em que imperam o “culturalismo” e o “pós-modernismo” na análise da cultura e da vida social.

Na terceira parte, que conta com os textos de Luiz Ricardo Leitão, novamente Marcelo Braz, Guilherme Vargues e Eduardo Coutinho nos permitem a fruição final: um passeio pelas vidas e obras de verdadeiros gênios da cultura brasileira, esquecidos ou relegados a um papel inferior pela “intelectualidade” (conservadorismo acadêmico duramente criticado na orelha e contracapa, assinadas por Sérgio Cabral e João Máximo): Noel Rosa, Wilson Batista, Paulo da Portela, Candeia, Paulinho da Viola e Bezerra da Silva. Os textos caracterizam-se pela prosa fácil e agradável, sem perderem o rigor, já que, além da referência à história e ao contexto social que caracteriza a época e determina o conteúdo da obra artística de cada um destes personagens, são fiéis ao conjunto de conceitos apresentados nos capítulos anteriores. São convites ao estudo e à “degustação” da obra destes artistas brasileiros e populares. Com eles – os autores dos textos e os artistas analisados – aprenderemos um pouco mais da realidade brasileira e de nosso povo.